



THOMPSON E AS CIÊNCIAS SOCIAIS:

possibilidades metodológicas para pensar os
movimentos sociais contemporâneos

Cleber José Bosetti*

Resumo As incursões teóricas e metodológicas de Thompson contribuíram para se pensar o social a partir das experiências do agir humano, sem perder de vista a dimensão de totalidade desse social. Nesse sentido, pensar o social exige esforços teóricos e empíricos para captar os fenômenos humanos em suas relações múltiplas com o real. Partindo das experiências singulares e cotidianas, Thompson nos ensinou ser possível compreender, a partir dessas experiências, o social em sua amplitude e complexidade, desvendando os processos constitutivos desse social e projetando-lhe propostas de transformação. O legado teórico e empírico desse historiador inglês oferece um instrumental metodológico instigante para o estudo dos movimentos sociais, principalmente por sua capacidade de articular as dimensões culturais da vida social com a perspectiva do materialismo histórico.

Palavras-chave Thompson; ciências sociais; metodologia; movimentos sociais.

THOMPSON AND THE SOCIAL SCIENCES: METHODOLOGICAL POSSIBILITIES TO THINK THE
CONTEMPORARY SOCIAL MOVEMENTS

Abstract *The theoretical and methodological incursions of Thompson have contributed to think about the social dimension from the experiences of human activity, without losing sight of the totality dimension of it. In this sense, to think about the social dimension requires theoretical and empirical efforts to capture the human phenomena in its multiple relations to reality. Starting from the singular and daily experiences, Thompson taught us that it is possible to understand, from these experiences, the social dimension in its amplitude and complexity, unveiling the constitutive processes of this*

* Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e doutorando em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

social dimension and projecting in it transformation proposals. The theoretical and empirical legacies of this British historian offers an instigating methodological tool to the study of social movements, especially for it's capacity to articulate the cultural dimensions of social life with the perspective of historical materialism.

Keywords *Thompson; social sciences; methodology; social movements.*

INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XX, o contexto científico, dentro do campo das ciências humanas e sociais, estava marcado pela presença das chamadas correntes estruturalistas e, concomitantemente, pela emergência de novas tendências epistemológicas denominadas pós-estruturalistas, que dominariam esse cenário posteriormente. Entre os antagonismos produzidos por suas diferenças epistemológicas, novas abordagens acabaram surgindo, entre elas as proposições do historiador inglês Edward Palmer Thompson, que soaram como críticas severas às proposições ortodoxas de algumas correntes estruturalistas ligadas ao chamado marxismo, apresentando uma proposta alternativa para se pensar o social dentro das ciências humanas. Ao mesmo tempo, estendeu sua perspectiva crítica em relação ao próprio pós-estruturalismo emergente no referido contexto, ao reafirmar sua posição teórica acerca do materialismo histórico e da ontologia do real.

As incursões teóricas e metodológicas de Thompson contribuíram para se pensar o social a partir das experiências do agir humano, sem perder de vista a dimensão de totalidade desse social. Nesse sentido, pensar o social exige esforços teóricos e empíricos para captar os fenômenos humanos em suas relações múltiplas com o real. Partindo das experiências singulares e cotidianas, Thompson ensinou ser possível compreender, a partir dessas experiências, o social em sua amplitude e complexidade, desvendando os processos constitutivos da sociedade e projetando-lhe propostas de transformação.

Dessa forma, neste trabalho serão resgatadas brevemente a trajetória intelectual de Edward Palmer Thompson e suas principais proposições de análise para se pensar o social. A partir disso, haverá tentativa de estabelecer um diálogo dessas proposições com a possibilidade de estudo dos movimentos sociais na atualidade.

THOMPSON E O CONTEXTO CIENTÍFICO

Edward Palmer Thompson foi um historiador inglês cujos escritos se tornaram conhecidos a partir de meados do século XX. Autor de obras impactantes, como a

Miséria da teoria ou um planetário de erros, uma crítica às concepções estruturalistas dentro do marxismo, as quais “desumanizavam” a história da presença e do agir humano (uma crítica direcionada a Louis Althusser, considerado a figura mais decisiva dessa corrente marxista na época); e *A formação da classe operária inglesa*, sua mais conhecida obra, formada por três volumes, onde, a partir das experiências dos sujeitos e grupos sociais pertencentes à classe trabalhadora na Inglaterra, reconstitui, de forma singular, o contexto histórico da Revolução Industrial, reelaborando o conceito de classe social que havia sido deturpado pelas correntes marxistas ortodoxas¹.

Thompson ocupou seu tempo compatibilizando as atividades teórico-científicas com as atividades políticas. Vinculado ao Partido Comunista da Inglaterra até 1956, ano em que rompeu com o partido, foi um intelectual comprometido com as possibilidades de mudança histórica e emancipação humana, vendo naquilo que denominou de socialismo humanista uma possibilidade real de alcançar essa emancipação. Essa posição política certamente lhe custou caro, tanto no lado acadêmico quanto no político, pois sua postura dissidente se fez presente nesses dois campos.

Politicamente, Thompson se identificava como marxista, como pode ser observado na carta a Kolakovski (THOMPSON, 1973), onde enfatiza seu compromisso com o marxismo como forma possível de transformação social. Diante das revelações acerca dos crimes de Stalin e da Invasão da URSS à Hungria em 1956, somadas aos acontecimentos que colocaram fim à chamada Primavera de Praga na Tchecoslováquia, em 1968, Thompson rompeu definitivamente com a ortodoxia marxista, desligando-se do partido comunista. Entretanto, esse rompimento político não alterou suas convicções políticas acerca das possibilidades de construção de um socialismo com uma face mais humana em relação às experiências existentes.

No campo acadêmico, sua luta ocorreu em duas frentes. Por um lado, sua crítica à ortodoxia marxista em torno da obra de Louis Althusser, cuja concepção de história se centrava em estruturas que exauriam a presença e a experiência humana como constitutivas da lógica histórica; e, por outro lado, sua reafirmação quanto ao materialismo histórico, que lhe colocava como alvo para os ataques dos pós-estruturalistas² em ascensão nesse contexto. Entre essas duas linhas,

1 O termo marxismo ortodoxo referido neste texto não contempla obviamente todas as tendências dessa corrente, nem está reduzindo todos os marxismos à ortodoxia. Assim, esse termo será usado para referendar invariavelmente as correntes estruturalistas e economicistas do marxismo, em que figuras como Althusser e Poulantzas são as mais representativas.

2 Esse enfrentamento em relação ao pós-estruturalismo deve ser entendido a partir das proposições teóricas e metodológicas de Thompson em comparação com as perspectivas pós-

Thompson construiu sua perspectiva de história e abriu um campo de possibilidades para o *fazer* das ciências sociais em geral, centrado na experiência humana, na ação dos sujeitos e grupos em relação ao mundo material e cultural dentro de um real ontologicamente existente. Tudo isso sem perder de vista a perspectiva de um conhecimento social e histórico comprometido com a ação política, visando a um ideal e à emancipação política e humana.

Nesse contexto, a corrente de pensamento marxista liderada por Althusser³ ainda tinha fortes ressonâncias no mundo acadêmico, mobilizando vários estudantes dentro de uma perspectiva teórica fundamentada em interpretações por vezes distorcidas do pensamento do filósofo Karl Marx. O marxismo Althusseriano centralizava as discussões e a própria produção do conhecimento em torno de uma perspectiva que tinha como primazia a determinação do mundo econômico sobre as demais instâncias da vida social. Essa perspectiva era costurada a partir de categorias simplificadoras, como as de infraestrutura e superestrutura, em que a determinação da primeira sobre a segunda e de ambas sobre os indivíduos acabava anulando completamente as capacidades e possibilidades de articulação destes fora dos padrões estruturantes rigidamente estabelecidos, o que tornava as experiências humanas presas a esses padrões estruturais e subsidiárias a eles.

Em seu livro mais conhecido, denominado *Ideologia e os aparelhos ideológicos do Estado*, Althusser (1988) havia sistematizado uma abordagem estruturalista dos processos sociais, de forma a criar determinantes estruturais, do ponto de vista econômico (infraestrutura)⁴ e político-ideológicos (superestrutura), que funcionavam como organizadores da condição de vida dos indivíduos e dos grupos sociais. Nessa proposição, essas estruturas atuavam como determinantes na vida

-estruturalistas. Não significa que ele tenha diretamente realizado tais embates, tal como fez com Althusser e a ortodoxia marxista, porém as perspectivas abertas por Thompson certamente eram antagônicas em relação às tendências hegemônicas dos pós-estruturalistas, uma vez que esses embates podem ser percebidos mais claramente, no atual contexto científico, dentro das ciências sociais, em que a hegemonia dessas concepções são clarívidentes.

- 3 A preocupação de Thompson em relação a Althusser está inserida no quadro político e acadêmico da Inglaterra, em decorrência da militância política de Thompson no Partido Comunista Britânico, onde os escritos de Althusser tinham influência significativa, bem como no mundo acadêmico propriamente dito, onde também o althusserianismo tinha seus representantes. Thompson estava certamente preocupado com os rumos do marxismo, do partido e da política como um todo.
- 4 Essa concepção de infraestrutura e superestrutura utilizada pelo chamado marxismo ortodoxo pode ser considerada fruto de uma metáfora utilizada por Marx, de forma bastante objetiva, no prefácio de *Crítica da economia política*, em que Marx afirmou que a totalidade das relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, uma base real sobre a qual se erguem as superestruturas jurídicas e política e à qual correspondem as formas de consciência social (MARX, 1982). Porém, o significado dessa expressão marxiana ganhou dimensões muito mais amplas do que o próprio Marx poderia imaginar, transfigurando-se em verdadeiras leis históricas sob a égide do marxismo ortodoxo.

social dos indivíduos. Assim, acabava excluindo a importância do agir humano na história, cristalizando os indivíduos e grupos dentro de estruturas fechadas aos condicionamentos impostos pelas estruturas edificadoras de todas as manifestações sociais. A crítica de Thompson ao marxismo ortodoxo estava fundamentada, portanto, na anulação do indivíduo e em suas experiências na história.

Esse posicionamento científico possuía fortes implicações nas questões metodológicas responsáveis pela construção do conhecimento histórico, bem como na organização das lutas políticas.

Por isso Thompson (1981, p. 56) afirmou:

A História não é uma fábrica para a manufatura da grande teoria; também não é uma linha de montagem para a produção em série de pequenas teorias. Tampouco é uma gigantesca estação experimental na qual as teorias de manufatura estrangeiras possam ser aplicadas, testadas e confirmadas. Esta não é absolutamente sua função. Seu objetivo é reconstituir, explicar e compreender seu objeto, a história real.

A crítica de Thompson ao estruturalismo de Althusser possui um forte aporte ontológico. Thompson parte do pressuposto do real vivido como uma entidade objetiva e fundamental para a construção do conhecimento histórico, enquanto as correntes estruturalistas diluem esse real dentro das estruturas, impossibilitando a visualização do agir humano, das expectativas, dos sentimentos e dos sujeitos reais propriamente ditos, em suas relações cotidianas. Essas dimensões da vida humana estavam sendo submetidas a enquadramentos teóricos que simplesmente apagavam sua existência e serviam para a construção de uma história sem a presença humana.

Em oposição a essa forma de conceber o conhecimento histórico, Thompson propõe a construção de um modelo lógico de investigação. Para Muller e Moraes (2007, p. 5):

Sua interpretação do materialismo histórico se distingue por articular, de forma construtiva, aspirações políticas e processo histórico. O pré-requisito desta é o de que toda análise teórica deve ser apreendida na prática do agir humano e na medida do diálogo entre teoria e evidência, i. e., teoria e pesquisa empírica, sem abandonar a atuação política.

Essa proposição metodológica de Thompson inverte os pressupostos do marxismo ortodoxo althusseriano, ao colocar na centralidade do processo de construção do conhecimento histórico o agir humano. Esse ponto de partida para Thompson pode ser identificado nas experiências coletivas e individuais que são construídas historicamente pelos indivíduos, seja em seu cotidiano, seja na esfera política. Dessa forma, a teoria não precede a prática de forma a enquadrar esta última, mas realiza um diálogo constante com as observações do real empírico para viabilizar a construção do conhecimento. Thompson confere grande valor à teoria, pois esta possui implicações políticas que não podem ser esquecidas, e por isso ressalta sua filiação ao materialismo histórico.

Sua vinculação teórica ao materialismo histórico reflete suas opções epistemológicas e políticas. A concepção materialista é encarada por Thompson como a que mais se aproxima da construção de uma história “total”, no sentido de compreender o processo que envolve os indivíduos e sua experiência vivida no tempo histórico. Partindo da premissa da existência ontológica, os indivíduos, em primeira instância, buscam garantir sua “existência física”, produzir a própria vida⁵, e isso está diretamente relacionado a questões que envolvem trabalho, produção da subsistência e consequentes relações sociais e de produção que estruturam essa dimensão da vida humana em sociedade. Por isso, a concepção materialista oferece condições de explicar a história como um processo.

Nesse sentido, Thompson atribui uma importância fundamental à categoria experiência, a qual consiste no agir dos indivíduos, um agir que envolve múltiplos campos da vida social, seja no trabalho, seja no lazer, nas expectativas, nas utopias... Em todas essas dimensões, estão presentes as relações sociais, que, partindo de uma base material, engendram outras dimensões do viver, próprias do ser social que se construiu nesse processo. A história está justamente na compreensão dessas várias faces do agir humano que se imiscuem nas experiências vividas.

5 Consultar Marx e Engels (2002, pp. 21-23). Nesse ponto, Marx e Engels colocaram suas concepções de história tendo como ponto de partida os seres humanos em sua busca pelo viver, em sua dimensão existencial. “O primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitem satisfazer estas necessidades, a produção da vida material e isso constitui uma condição fundamental de toda a história.” Na concepção desses autores, essas necessidades da vida em primeira instância acabam gerando outras necessidades, fruto das relações sociais e das relações sociais de produção. São esses os fundamentos do materialismo histórico, os quais são compreendidos como a base material sob a qual se desencadeiam os demais processos que envolvem a vida humana e as sociedades como um todo. Como podemos perceber, essa dimensão da indispensável presença dos sujeitos sociais na história já estava presente no próprio Marx, aspecto que, como vimos, foi radicalmente deslocado pelas interpretações ortodoxas do marxismo.

O legado de Thompson para as ciências sociais, em seu contexto, pode ser enunciado em dois pontos culminantes. Por um lado, Thompson retoma a perspectiva do agir humano presente na obra do próprio Marx, colocando-se, ao mesmo tempo, como crítico de sua teoria. Promovendo uma releitura crítica do marxismo e de categorias como classe social, revigorou o materialismo histórico como a teoria capaz de compreender as dimensões estruturais da sociedade capitalista. Por outro lado, sua vinculação política e seu engajamento com a busca por mudanças sociais e políticas em seu tempo tornaram-se paradigmáticas, em um momento em que a apatia e a perda do sentido da mudança estavam ocupando espaços consideráveis no meio acadêmico.

Thompson revitalizou um ideal de transformação como campo de possibilidades e de comprometimento por parte dos profissionais das ciências sociais.

THOMPSON E AS CIÊNCIAS SOCIAIS NA ATUALIDADE

Considerando o legado de E. P. Thompson, como vimos anteriormente, cabe elencar agora suas contribuições teóricas para as ciências sociais no atual contexto. Nesse sentido, será realizado um diálogo com o autor de *Miséria da teoria* sobre as possibilidades de uso de suas proposições teóricas e metodológicas para serem estudados os movimentos sociais nas sociedades industriais avançadas (pós-fordistas) e seus cenários multiculturais. Assim, serão utilizadas as perspectivas do materialismo histórico, da ontologia do real, da ideia de classe social e do agir humano como conceitos aplicáveis na compreensão do social enquanto objeto científico.

Em um primeiro momento, é preciso considerar algumas premissas das quais algumas correntes teóricas (fenomenologia, individualismo metodológico, teorias do discurso) entendem o social como dimensão real. A percepção de um social fragmentado e multifacetado é convergente nessas perspectivas teóricas, o que as levou a desconsiderar as possibilidades de se construir um conhecimento objetivo acerca do social. Nesse sentido, o próprio real passou a ser questionado como entidade objetiva, aspecto que impulsionou a consecução de inúmeros relativismos em relação a esse social⁶.

⁶ A obra de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, *Hegemonia e estratégia socialista*, de 1985, pode ser citada como uma, entre outras, que procuraram, em um cenário contemporâneo, desconstruir essa ideia de um social e de um real ontologicamente existentes. Na concepção desses autores, o social só pode ser alcançado como uma entidade discursivamente articulada. Essa perspectiva é convergente às concepções denominadas pós-estruturalistas e pós-marxistas, dentro das ciências sociais.

As concepções fundantes do pensamento social de Thompson seguem outra linha de raciocínio, afirmando a ontologia do real. Nas assertivas acerca da lógica histórica, Thompson (1981, p. 49) afirma:

O objeto do conhecimento histórico é a história real, cujas evidências devem ser necessariamente incompletas e imperfeitas. Supor que um presente, por tornar-se passado, modifica com isso seu *status* ontológico, é compreender mal tanto o passado como o presente.

Nesse sentido, Thompson faz uma defesa à ontologia⁷ do real, ou seja, independentemente das várias leituras e releituras que possam ser feitas acerca do social, seja pela história, seja pela sociologia, existe uma realidade palpável, concreta, o vivido, que possui uma existência que não pode ser modificada à luz de simplificações teóricas. A reafirmação da ontologia do real é, sem dúvida, uma das grandes contribuições de Thompson para se pensar as ciências sociais no atual contexto histórico, haja vista as tendências desconstrutivistas dos pós-estruturalismos que insistem em colocar em xeque essa ontologia e, por conseguinte, a própria possibilidade de se construir um conhecimento objetivo⁸ dentro das ciências sociais.

Obviamente que é inegável a dimensão multifacetária do real, bem como as dificuldades de apreensão deste, diante da multiplicidade de discursos, formações discursivas e representações que perpassam a constituição do social na atualidade. Porém, abandonar a perspectiva ontológica pode significar não somente um relativismo teórico, como também uma perda de legitimidade do próprio discurso das ciências sociais.

O esforço de Thompson para compreender o social como processo a partir das experiências humanas é um ponto considerável para pensarmos as ciências sociais na atualidade. O interessante é que essa compreensão do social, em sua

7 É importante lembrar que a ideia de ontologia foi desenvolvida de forma exemplar, nesse mesmo contexto vivido por Thompson, por Georg Lukács. Segundo este escritor húngaro: “Quando atribuímos uma prioridade ontológica a determinada categoria em relação à outra, entendemos simplesmente o seguinte: a primeira pode existir sem a segunda, enquanto o inverso é ontologicamente impossível” (LUKÁCS, 1979, p. 40). Nessa perspectiva, Lukács retoma a ontologia presente, mas não sistematizada na obra de Marx, para reafirmar a ontologia do ser em relação à consciência. Tomando o trabalho como ponto de partida, afinal, o trabalho é uma das primeiras mediações entre o ser e a natureza, adquire-se o sentido de que, por meio dele, o ser se constitui como tal, modificando a natureza e a si próprio e constituindo as primeiras formas teleológicas de ideação. Nesse sentido, o ser social como entidade ontológica precede a consciência (LUKÁCS, 1979).

8 Nesse caso, é preciso ressaltar que essa objetividade não pode ser confundida com objetivismo. Chegar a um conhecimento objetivo, no sentido atribuído por Thompson, é uma aproximação possível de compreender o social como processo, diferentemente do objetivismo, que seria antitético à perspectiva de contingência histórica defendida por Thompson.

totalidade, foi feita por Thompson a partir do agir humano, em sua face cotidiana, nas experiências vividas pelos trabalhadores, nos conflitos envolvendo os costumes e as tendências homogeneizantes da modernidade capitalista, sob a luz do materialismo histórico.

Para Wood (2002, p. 62):

O materialismo de Thompson atinge seu ápice no exato momento em que ele recusa privilegiar a economia em relação à cultura. Na verdade, a insistência na simultaneidade se apresenta não como correção ou afastamento do materialismo clássico marxista, mas como um polimento das palavras do próprio Karl Marx.

Uma das grandes jogadas de Thompson nesse sentido foi sua capacidade singular, dentro do marxismo, de conceber a ideia de um modo de produção vigente em determinada sociedade a partir das relações sociais e, mais do que isso, vivido pelas pessoas no cotidiano de suas experiências culturais. Nesse sentido, concebeu a economia e cultura não como entidades separadas, em que uma exerce determinação em relação à outra, mas realidades simultâneas, que se influenciam mutuamente como dimensões inseparáveis da experiência humana.

Thompson entende essa lógica do modo de produção como uma combinação entre aspectos econômicos e morais apreensíveis na experiência humana, portanto, revelador de uma realidade histórica.

O materialismo histórico é, sem dúvida, a teoria que sustenta a compreensão do real-social para Thompson. Seu pressuposto teórico é o fato de que, nas sociedades em que as relações capitalistas de produção se estabeleceram, há a presença de uma base material que perpassa por toda a vida social. Essa base material presente nas relações sociais e de produção conduz variavelmente as dinâmicas sociais e culturais, sendo absorvida ou sofrendo resistências no interior das culturas, mas, acima de tudo, permeando a vida social. Por isso, a compreensão do social como processo perpassa a consideração dessa base material fornecida teoricamente pelo materialismo histórico. No entanto, tal base material não atua como determinação da vida social, como defendia o marxismo ortodoxo, mas como um campo em que as relações humanas são constituídas.

Se voltarmos nossos olhos para a sociedade presente, observaremos que essas relações sociais e de produção capitalistas estão mais presentes do que nunca, inclusive de forma naturalizada pelo imaginário coletivo, principalmente após o “fracasso” das experiências socialistas no século XX. No entanto, parece que os esforços acadêmicos nas ciências sociais se afastaram dessa busca pela

compreensão do social em sua totalidade, como propunha Thompson, colocando a dimensão materialista em segundo plano e ocultando sua permeabilidade dentro do universo social. Assim, os conceitos e as categorias desenvolvidos e aprimorados por Thompson, no que tange às abordagens do materialismo histórico, recuperam essa forma de compreensão do social.

A abordagem materialista de Thompson é apontada por alguns autores como uma possibilidade de se fazer um contraponto ao ceticismo epistemológico presente nas ciências sociais na atualidade. O ceticismo, muito em função de suas premissas que negam a ontologia do real, resulta em uma negação da objetividade do conhecimento sobre o social. Para Muller e Moraes (2007, p. 15):

A sociologia que não contemple em sua reflexão a ideia de processo é fadada a ser uma sociologia onde os fenômenos sociais já aparecem como estabelecidos, funcionais e sem aparente mobilidade porque, no lugar de relacionar o conjunto de normas, práticas, interesses e condições materiais de uma determinada sociedade em sua dinâmica, parte de um pressuposto sincrônico.

A proposta do materialismo histórico de Thompson como método e possibilidade de se construir um conhecimento objetivo reaparece como uma nova opção de jogada em um cenário em que o relativismo tem invariavelmente dado as cartas do jogo.

Outra categoria desenvolvida por Thompson foi a reconceitualização da ideia de classe social. Essa ideia de classe foi concebida de forma deturpada pela ortodoxia marxista (economicismo) como algo dado *a priori*, presente na estrutura social independentemente da ação dos indivíduos; ideia essa que há tempos já não conseguia ter sustentação⁹. Porém, a luta de classes continuou sendo propagada de forma mitificada pela ortodoxia marxista como meio de transformação social, sem a devida reflexão sobre o conceito de classe. Em seus estudos, Thompson avança significativamente nesse conceito, conferindo amplitude a ele por conceber a classe dentro de seu movimento histórico.

9 Rosa Luxemburgo, no início do século, já havia observado a dificuldade de pensar na ideia de classe social em sua unidade. Suas observações acerca dos movimentos da classe operária na Alemanha, na década de 1910, apontavam para uma fragmentação e para diferentes posições de sujeitos dentro de um mesmo estrato social (operariado). A partir desses apontamentos, embora a autora não tenha discutido exatamente o conceito de classe, já indicavam a complexidade dessa categoria e a impossibilidade de pensar a classe como unidade homogênea dentro do capitalismo, principalmente na medida em que esse capitalismo se desenvolvia. Consultar Hobsbawm (1984).

Na *Formação da Classe Operária Inglesa*, Thompson redesenhou o campo conceitual sobre a ideia de classe. Nas palavras de Thompson (1987, p. 09):

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma estrutura, nem mesmo como uma categoria, mas como algo que ocorre efetivamente nas relações humanas.

Thompson não reduz a classe simplesmente em função de seu lugar na forma social de produção, portanto, em uma condição objetiva. Sem deixar de considerar essa dimensão, situa a classe a partir de sua construção histórica, no momento das lutas e movimentos que esta desenvolve em sua experiência, ou seja, por meio de sua análise, pode-se identificar a presença de fenômenos sociais de classe em diversos momentos e espaços sociais.

Ellen Wood (2002) defende que Thompson teve a capacidade de compreender a classe como processo e como relação. Nesse sentido, considera as condições materiais objetivas que determinam a existência das classes (em seus estudos, Thompson identificou a existência de uma classe na ausência da consciência de classe) e, ao mesmo tempo, demonstra como a classe se constitui a partir das relações criadas pelas pessoas, em suas experiências cotidianas, contemplando as esferas da classe em si e da classe para si.

Isso pode ser observado na obra *Costumes em comum*, em que, por meio de um trabalho empírico mobilizando fontes diversas, desde documentos oficiais até cartas, danças, ordens não oficiais e manifestações, Thompson (1998) identificou a presença de um conflito envolvendo uma classe plebeia e uma classe patricia. Embora não houvesse ainda uma consciência de classe por parte de seus membros, as condições materiais, incluindo as transformações econômicas e as mudanças nos costumes, levaram pessoas de diferentes ofícios a se reunirem, para reivindicar, em nome dos costumes tradicionais, direitos que estavam sendo subvertidos pela ordem das mudanças socioeconômicas.

Atualmente, a ideia de classe nas ciências sociais está invariavelmente sendo subtraída por muitas correntes teóricas¹⁰. Essa subtração implica a criação de lacunas explicativas em torno de movimentos e lutas sociais desenvolvidos por

10 Nesse caso, tomam-se como exemplo as teorias do discurso, em que o conceito de classe é como uma construção política e/ou ideológica sob a premissa de que a classe em si não pode estabelecer a posição do sujeito. Consultar Laclau e Mouffe (1985).

grupos que buscam sua emancipação, na qual o substrato das condições objetivas da existência parece ser fundamental para compreender tais empreendimentos políticos. Nesse sentido, a concepção de classe desenvolvida por Thompson se torna operacionalizável para problematizar e compreender o social.

Por fim, a perspectiva do processo histórico como contingência é outra contribuição interessante de Thompson para pensar as ciências sociais na atualidade. Esse sentido de contingência é o que torna possível construir uma abordagem com base no materialismo histórico sem cair nos determinismos tão caros à utilização dessa categoria ao longo do século XX.

A ideia de contingência significa a história e as sociedades como campo de possibilidades, mesmo em uma formação social e histórica marcada por determinada forma social de relações de produção. A direção pela qual essa formação social percorrerá não pode ser dada *a priori*, mas sim encaminhada pela experiência e ação dos sujeitos que dela participam. Um processo histórico pensado pela contingência não admite uma determinação rígida em seu desenrolar. Porém isso não significa cair nos relativismos pós-estruturalistas, afinal, a ideia de contingência em Thompson busca romper com o determinismo, mas sempre apontando possibilidades de direção rumo a algum tipo de emancipação.

Assim, Thompson coloca o agir humano, a ação dos sujeitos sociais na ordem do dia. Esse reencontro do sujeito com a história, que havia sido ocultado pelas perspectivas estruturalistas do marxismo, as quais, muitas vezes, aparecem distorcidas pelo pós-estruturalismo, encontra na perspectiva de Thompson um lugar possível de se estabelecer como um diálogo entre o indivíduo e o social, de forma a compreendê-los como entidades inseparáveis, ou seja, o indivíduo é constituído pelo social e vice versa¹¹.

Nesse agir que constitui a experiência humana, processa-se a construção daquilo que Thompson denominou consciência. A consciência em Thompson se faz pela experiência do ser social, e ela não está posta simplesmente por sua condição dentro de dada estrutural social, mas se realiza como uma construção mediada pela relação entre o ser e o mundo por meio de suas experiências.

11 Talvez a concepção de Gramsci sobre o indivíduo possa ser de valia significativa para se pensar essa ideia de indivíduo. Para esse autor, “o homem deve ser concebido como uma série de relações ativas (processo) no qual, se a individualidade tem a máxima importância, não é, todavia, o único elemento a ser considerado. A humanidade se reflete em cada individualidade e é composta de diversos elementos: o homem, a natureza e os outros”. Nesse sentido, o indivíduo em Gramsci é um bloco histórico, uma construção relacional desses elementos envolvidos. Consultar Gramsci (1986, p. 39).

PENSAR OS MOVIMENTOS SOCIAIS SOB A LUZ DAS IDEIAS DE THOMPSON

Indispensáveis e inseparáveis das rodas da história das sociedades humanas, os movimentos sociais são os germes das mudanças, das revitalizações, das inovações e das configurações presentes e futuras que se constroem nas sociedades. Os deslocamentos proporcionados pelos movimentos sociais produzem o novo, abrem caminhos para que este possa efetivamente acontecer e para que se possam lapidar novas formas de existência social nos múltiplos campos que esta comporta. Entende-se que as contribuições teóricas de Thompson fornecem subsídios consideráveis para se pensar o social em nosso tempo, incluindo os movimentos sociais.

Primeiramente, se forem considerados os movimentos sociais como ações coletivas organizadas em torno de algum tipo de projeto, que, mobilizando sujeitos e grupos por meio de ações visando à obtenção de resultados favoráveis em relação aos seus propósitos, são uma manifestação do agir humano coletivo, já se está se aproximando das proposições de Thompson para compreender o social e a história, por assim dizer.

Categorias como agir humano, experiência e a relação entre o ser social e a consciência social que foram trabalhadas de forma exemplar por Thompson fornecem um campo vastíssimo para pensar nos movimentos sociais contemporâneos. Essas categorias, de modo geral, buscam apreender o social em suas manifestações cotidianas, no agir das pessoas, na forma como elas se relacionam com o mundo, com o trabalho, enfim, traduzem os sentimentos experimentados pelos indivíduos sociais em suas experiências de vida.

Para Gohn (2000, p. 204): “Thompson segue a trilha deixada pelos próprios atores na história, em suas manifestações, nos locais vivenciados e por meio de registros e memórias existentes. Situa e contextualiza seus personagens, para depois recuperar a trama e o drama de seu cotidiano”. Essa autora reconhece os avanços proporcionados por Thompson dentro da abordagem marxista dos movimentos sociais, ressaltando seu legado metodológico de costurar, a partir do cotidiano das pessoas, aspectos fundamentais do social em sua complexidade.

Ao se pensar nessa ideia do agir humano, não se pode isolá-lo de seu contexto histórico e, ao fazer esse esforço, pode-se perceber que essas ações coletivas são produzidas em determinados espaços e sob determinadas condições, as quais invariavelmente remontam às condições materiais da existência.

Embora a maioria das abordagens dos últimos anos tenha focado a análise dos movimentos sociais em torno de suas perspectivas identitárias, não se pode perder de vista que muitas dessas reivindicações que se desenvolvem em torno dos

elementos identitários estão inextricavelmente vinculadas a aspectos materiais do viver.

Embora os teóricos dos chamados Novos Movimentos Sociais coloquem a base material em segundo plano¹², como sendo insuficiente para criar os movimentos como organização da ação, isso não deixa de ter um fundo de verdade, se for considerada a pulverização de grupos e identidades próprias das sociedades atuais que estão reivindicando direitos, reconhecimento, inclusão e outras demandas quaisquer. No entanto, se for observado o social, em sua dimensão processual constitutiva, analisando as condições materiais que perpassam pelas experiências individuais e coletivas, observa-se que esse aspecto não pode ser deixado de lado.

Essa diversidade de posições de sujeito que se observa no cenário da modernidade tardia, como denominam alguns autores, não pode ocultar aspectos fundamentais desses sujeitos dentro da formação social. Por isso, autores como Miliband (1999, p. 497) afirmam: “O fato muito óbvio mas frequentemente subestimado é de que as mulheres, os negros e os membros de outras minorias são também membros de uma classe e estão inevitavelmente situados em algum ponto da estrutura social de suas sociedades”.

Nessa perspectiva, pode-se perceber que mesmo as diversas formações identitárias, que constituem os sujeitos dos chamados novos movimentos sociais, precisam ser pensadas em relação à dimensão da base material à qual estão vinculadas, afinal, seria no mínimo estranho pensar em um movimento como o dos negros, que luta por igualdade, sem dimensionar as diferenças sociais existentes entre os próprios negros na sociedade. A dimensão da classe social continua encontrando sentido na compreensão dos movimentos sociais, e as ponderações metodológicas apontadas por Thompson se tornam significativas para a realização de tal reflexão.

Nesse sentido, Thompson não desvincula as experiências sociais e culturais das relações materiais, pois não há uma superfície de separação entre elas. Essa separação foi feita pelo marxismo ortodoxo, com o determinismo econômico, e pelas correntes pós-estruturalistas, as quais isolaram a cultura das dimensões materiais da existência social.

12 Consultar Gohn (2000). Essa autora faz uma reconstituição das teorias clássicas e contemporâneas acerca dos movimentos sociais que apontam para várias perspectivas de análise dos movimentos que vão desde os identitários aos de caráter materialista, em que as contribuições de Thompson são referendadas.

Thompson (1998), na obra *Costumes em comum*, apresenta a cultura como uma arena de disputas, em que os aspectos materiais da vida estão conectados com os costumes e aspectos culturais em geral.

Quando os movimentos lutam por inclusão, direitos, participação política, terra, meio ambiente, só para citar algumas das reivindicações pertinentes aos movimentos sociais na atualidade, em todas elas, pode-se identificar a presença de questões de ordem material, que envolvem necessidades, expectativas e a construção de algum tipo de luta formulada a partir das experiências coletivas, mesmo que estas não apareçam de forma transparente. Isso leva a pensar que, ao contrário das tendências pós-estruturalistas que em geral o rejeitam, o materialismo histórico continua sendo um instrumental teórico eficiente para se pensar e estudar o social.

Novamente, parece que o problema da ontologia do ser social ganha sentido, se for considerada sua significação, quando se pensam os movimentos sociais. Miliband (1999, p. 197) afirma que “a consciência de uma identidade social, por importante que seja sob vários aspectos, e não menos politicamente, não reduz a importância da classe como uma parte intrínseca do ser social”. Considerando a dimensão ontológica como visto em Thompson e retomando as considerações de Lukács acerca da ontologia do ser social, parece imprescindível considerar a posição do ser social no mundo para compreender inclusive as questões identitárias que o constituem como sujeito.

É claro que o estudo dos movimentos sociais, à luz das perspectivas abertas por Thompson, levam a pensar sobre a complexidade de movimentos existentes na atualidade. Diante dessa constatação, seria incoerente com as próprias lições deixadas por Thompson pensar que suas propostas de abordagem do social fossem capazes de dar conta de todas essas manifestações existentes em termos de movimentos sociais. As orientações dos movimentos são diversas, o que torna impossível uma única concepção teórica explicá-las. O que parece plausível pelas propostas de Thompson é recuperar o lugar dos sujeitos e suas experiências para perceber a dimensão do processo histórico e da cultura política que está sendo engendrada a partir desses movimentos.

Se for considerado o sentido processual dos movimentos a partir das lições da lógica histórica de Thompson, será possível perceber que há na heterogeneidade dos movimentos aspectos que os aproximam e que os afastam das proposições levantadas por Thompson. Mas, nessas aproximações, há a convergência em prol de algum tipo de emancipação (cidadania, democracia, direitos iguais) que pode ser entendida, em sua dimensão histórica, como parte de um processo mais amplo

de lutas dentro de uma formação social. Essa apreensão obviamente não está posta nos movimentos vistos separadamente, mas pode ser encontrada em algumas redes constituídas por eles e em pontos de convergência específicos, onde a perspectiva de transformação social está presente de alguma forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Thompson pode não ter inaugurado nenhum paradigma novo, no sentido literal do termo, mas suas observações teóricas e seu comprometimento político com a emancipação social e humana forneceram um importante aporte para se pensar o social dentro das ciências humanas e sociais. Sua ruptura com posturas ortodoxas do marxismo, sua rejeição à rotulação de culturalista e, por conseguinte, o não compartilhamento de sua teoria com as tendências pós-estruturalistas lhe conferem uma singularidade epistemológica pertinente para construir um conhecimento acerca do social capaz de visualizar sua dimensão processual sem cair em determinismos. Seu legado no campo da ontologia e da lógica histórica traz para as ciências sociais um ponto de sustentação frente aos relativismos e ao ceticismo correntes na atualidade.

Dessa forma, mostra-nos ser possível percorrer a dança do social a partir de múltiplos campos da experiência, sem perder de vista a musicalidade que orchestra os diferentes movimentos realizados pelos sujeitos. Estes, por mais dispersos que possam parecer, sob a luz de uma observação superficial, estão em um mesmo salão e são conduzidos por um ritmo que, apesar de não ser determinante em seus movimentos, lhes fornece uma base rítmica que não pode ser desconsiderada.

Assim, quando se pensam temas dentro das ciências sociais, como é o caso dos Movimentos Sociais, não se pode perder de vista essas dimensões da dança e da musicalidade. Sem cair em determinismos e ver nos movimentos aspectos que eles não estão pensando ou articulando (injunções de caráter ortodoxo) e sem cair nos relativismos que empobrecem a compreensão desse social, visualiza-se, sob a luz das observações teóricas e metodológicas de Edward Palmer Thompson, um campo de possibilidades para pensar nesses movimentos em sua dimensão processual e histórica, afinal, dentro de uma sociedade pautada no materialismo e nas contradições decorrentes dessa fundação, o olhar sobre o social não pode deixar de ver pela experiência dos sujeitos a estrada sob a qual eles caminham. Mesmo em uma formação social que se tornou complexa, por assim dizer, onde as posições de sujeito podem apresentar-se em dimensões plurais, parece impres-

cindível buscar elementos que os aproximam em suas experiências comuns, em função da sua condição social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia y aparatos ideológicos del estado*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.
- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- HOBSBAWM, Eric. *História do marxismo: o marxismo na época da Segunda Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia y estratégia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1985.
- LUKÁCS, Georg. *A ontologia do ser social*. São Paulo: Editora de ciências Humanas, 1979.
- MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. Lisboa: Edições Progresso, 1982.
- MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MILIBAND, Ralph. Análise de classes. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). *Teoria social hoje*. São Paulo: Unesp, 1999.
- MULLER, Ricardo Gaspar; MORAES, Maria Célia. E. P. Thompson e a pesquisa em ciência sociais. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31. Caxambu, Minas Gerais, 2007. *Anais...* Caxambu, 2007.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Open letter to Leszek Kolakoski*. London: Merlim, 1973.
- _____. *Miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 1.
- _____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WOOD, Ellen. *Democracia e capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.